

## AFETOS POSSÍVEIS: O CIRCUITO AFETIVO EM TORNO DO CORPO DE NATASHA NA SÉRIE “SEGUNDA CHAMADA”<sup>1</sup>

***Eixo Temático 23 - Identidades e (Não)Representatividade de LGBTQIA+  
na Literatura, no Cinema, na Música e na TV do Brasil***

Giulian Pereira de Sales<sup>2</sup>

Profº Drº Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça<sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo faz parte de uma pesquisa desenvolvida para obtenção do título de mestrado da Universidade Federal de Ouro Preto, na qual se analisa os afetos que circulam em torno de duas personagens. O artigo foca em uma dessas personagens, Natasha, interpretada por Lina Pereira na primeira temporada de “Segunda Chamada”, em 2019, exibida pela Rede Globo. A partir dos conceitos de afetos e percepções dentro da arte, constrói-se uma análise para entender quais são os tipos de afetos possibilitados dentro da televisão ao apresentar uma personagem travesti. Para tanto, foi desenvolvido um protocolo analítico, pautado na análise fílmica e nos estudos culturais.

**Palavras-chave:** afetos, travestis, LGBTI+, violência.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo, o qual se insere em uma pesquisa mais ampla que analisa os afetos constituídos em torno de personagens trans e travestis em séries brasileiras, consiste em um movimento ainda exploratório. Aqui, a partir de duas cenas que formam a apresentação da personagem Natasha, vivida por Lina Pereira — também conhecida

---

<sup>1</sup> Artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla realizada para obtenção do título de Mestrado em Comunicação na Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM). A mestranda é bolsista da FAPEMIG.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: [giulian.sales@aluno.ufop.br](mailto:giulian.sales@aluno.ufop.br).

<sup>3</sup> Professor Adjunto do Departamento de Jornalismo (DEJOR) da Universidade Federal de Ouro Preto e Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM UFOP). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: [felipe.machado@ufop.edu.br](mailto:felipe.machado@ufop.edu.br)

pelo nome artístico, Linn da Quebrada —, na série “Segunda Chamada”, objetivamos perceber como são apresentados os afetos em torno da personagem. A série teve sua primeira temporada exibida entre os dias 8 de outubro e 17 de dezembro de 2019, na Rede Globo. Baseada na peça teatral “Conselho de Classe”, de Jô Bilac, e escrita por Carla Faour e Julia Spadaccini, teve colaboração de Máira Motta, Giovana Moraes e Victor Atherino. A direção é de Breno Moreira, João Gomez e Ricardo Spencer, com direção geral de Joana Jabace.

A televisão desempenha um papel dentro da construção de uma lógica social, pautada por representações de normas e condutas que transpassam a individualidade para o coletivo (KELLNER, 2001) . Entendendo gênero como uma dessas representações, concordamos com De Lauretis (1994) ao dizer que construção do gênero é efetuada “na mídia, nas escolas públicas e particulares, nos tribunais, na família nuclear, extensa ou monoparental” (p. 209). A produção ficcional televisiva, portanto, consiste em um espaço que sinaliza disputas entre os corpos e os afetos que importam e aqueles que não importam. Em seu livro “O circuito de afetos: corpos políticos, desamparos e o fim do indivíduo”, Vladimir Safatle afirma que os sujeitos inseridos dentro de um sistema de normas, valores e regras acaba tendo seus comportamentos e pensamentos afetados repetitivas vezes para acreditarem no que é considerado “certo” e “bom” para essa sociedade.

O destaque desta análise para a personagem vivida por Linn da Quebrada, se justifica por questão das interseções que são estabelecidas por ela. Concordando com Butler (2012), o gênero não é tudo o que a pessoa se compreende ser, “porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais” (BUTLER, 2012, p.20) . Sendo assim, torna-se impossível separar a noção de gênero das diversas seções políticas e culturais no qual ele foi estabelecido. Natasha é uma travesti negra, periférica, que retorna aos estudos após evadir o colégio em sua juventude.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Considerando as proposições de Douglas Kellner (2001), que compreende a mídia como uma produção complexa de discursos políticos e sociais capaz de ir para

além do entretenimento, mas atuando como um espaço de aprendizado, propomos uma análise crítica cultural da mídia, pautada pelos referenciais teóricos da Teoria Queer e dos afetos, objetivando compreender como é articulada a narrativa de uma personagem travesti, as afetações que seu corpo promove dentro do ambiente no qual está inserida, também como com as interações com outras personagens de cena. Para tanto, aplicamos um protocolo analítico desenvolvido por Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça (2021), que permite descrever as cenas, os movimentos/enquadramentos da câmera, os diálogos, ponderações acerca da paisagem sonora. Tal protocolo foi adaptado para a pesquisa, a fim de dar destaque para as afetações em cenas. (Anexo 01).

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em seu livro “Ética”, o filósofo holandês Baruch Spinoza (2015) define o afeto como a potência de agir dos corpos — e, por corpos, não compreende-se apenas os humanos, mas sim todos os seres vivos. O encontro entre dois corpos promove afetações mútuas, capazes de aumentar ou diminuir a potência de agir. Quando há elevação, Spinoza define como “alegria”, em contrapartida, quando um encontro de corpos gera diminuição de sua potência de agir, há a “tristeza”. Pensando em afetos como essa potência de agir, Deleuze e Guattari (1992) vão apresentar uma perspectiva de afetos como “devires não humanos”, podendo emergir em conjunto com perceptos. Para eles, há uma correlação entre pessoas, espaços e coisas e, neste sentido, vão dizer que “a arte é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afeto” (p. 213). E, se a arte é uma junção de percepto e afetos, o artista se transforma em um criador de mundos,

[é] de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformarmos com eles, ele nos apanha no composto (DELEUZE; GUATTARI, p. 227).

Concordamos com Lopes (2016) ao pensar que o afeto está dentro da obra e emergindo dela. Tornando possível fazer uma análise da completude das rede de afetos correlacionadas aos personagens sem questionar a intencionalidade da pessoa autora da série (no caso desta análise) ou o impacto promovido destas cenas — no caso das séries — nos telespectadores:

Ou seja, que ao olhar um filme, objetos, espaços, luz, figurinos, maquiagem podem ter tanta importância quanto os personagens, seus movimentos e a montagem.

Fascinam-me filmes em que seus diversos elementos têm peso e mesmo autonomia, e podem ser vistos para além de um conteúdo explícito, enredo ou diálogo, o que implica rever mesmo o cinema clássico. (LOPES, 2016, p. 39).

Nas séries, os afetos estão em trânsito, atravessando o protagonista e os corpos que passam. Seja pelos encontros promovidos, pelos entreolhares, pelos diálogos ou silêncio. A personagem é atravessada e constituída por diferentes sensações e afetos. Novamente citando, Lopes (2016), concordamos que:

não sei se o filme cria um afeto e não pretendo investigar esse caminho, mas há uma encenação de afetos decorrente da relação entre cinema e pintura, de afetos pictóricos que emergem não só da relação entre personagens, mas entre personagens e espaço, do encontro entre corpos, entre corpo e câmera, pelo gesto banal de andar e por um rosto, em grande parte, impassível, neutro (LOPES, 2016, p. 41).

A presença de personagens LGBTQ+ possibilitaria histórias, narrativas e perspectivas diferentes das séries que não apresentam personagens desta comunidade. É a partir de um discurso homogeneizador que são apagados os afetos e as potencialidades de vivências fora da heteronormatividade, como aponta Wittig (1991).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Natasha, interpretada por Linn da Quebrada, aparece em cena, pela primeira vez dentro da escola, aos 03 minutos e 35 segundos. A cena (imagem 01) acontece durante a entrada da professora Lúcia, interpretada por Débora Bloch, em uma simulação de plano sequência, na qual vão aparecendo vários estudantes, na trilha sonora, a música de Emicida, AmarElo, que conta com *sample* da música “Um rapaz latino americano” de Belchior, e participação de Majur e Pablo Vittar. A travesti tem pele negra, cabelos encaracolados e está com suas unhas sendo pintadas por Renata, uma colega. Dá para perceber que a interação e chegada dos estudantes acontece no período noturno, e pela diversidade de faixas etárias dos estudantes que são apresentados nesta montagem, podemos notar que não se trata de uma turma comum do Ensino Médio ou da Graduação. Por meio de uma perspectiva queer, proposta por Miskolci (2012), podemos perceber que o corpo de Natasha destaca-se perante os outros, pois é o único que visivelmente não se enquadra dentro da binaridade de gênero masculino e feminino. Segundo Miskolci: “Cada um de nós — homem ou mulher — tem gestuais, formas de fazer e pensar que a sociedade pode qualificar como masculinos ou femininos independente do nosso sexo biológico” (p.31) e, ao ter suas unhas pintadas, cabelos longos e vestir roupas mais justas, Natasha impreme uma confusão visual entre o

masculino/feminino, trazendo para si símbolos e afetações femininas. Em nossa sociedade, a construção de gênero denota uma série de símbolos, costumes, comportamentos: “ser homem implica em não ser mulher, em rejeitar todo e qualquer marcado identitário inscrito do universo feminino” (DOS REIS, 2016, p. 11). Neste sentido, ao estar com suas unhas sendo pintadas, Natasha não apenas está afetando seu corpo com o esmalte, mas também afeta todas as pessoas ao seu redor com a apropriação de um símbolo que faz parte de um identitário feminino. Ao mesmo tempo, é importante notar que Natasha está ocupando um espaço dentro da escola, espaço que, para Dos Reis (2016) “as posturas corporais aprendidas assumidas na escola poderão ser potencializadas ou rejeitadas pela ação do currículo cultural aliado às outras instituições, como a família e a religião” (p. 17).

**Imagem 01:** Cena de Natasha e Renata interagindo em “Segunda Chamada”



**Fonte:** Globoplay

Há um grito fora de cena: “Aí Robson”. O som interrompe a trilha sonora, a câmera muda e aparecem duas pessoas em uma quadra de futebol, uma pessoa pisa na bola para “ajeitar”, enquanto a outra chuta. O chute é acompanhado por outro grito: “mata no peito!”. A bola viaja até o peito de Natasha, registrando nesta cena uma dupla agressão: a sonora — ao chamá-la pelo nome que não corresponde à sua identidade de gênero — e a física. Há diferentes formas de opressão dentro da comunidade LGBTI+ e, para pessoas trans e travestis, o uso do nome de batismo é uma maneira de invalidar suas identidades de gênero. É uma forma de transformar esses corpos em “abjetos”:

Esse termo, "abjeção", se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política. Segundo Julia Kristeva, o abjeto não é simplesmente o que ameaça a saúde

coletiva ou a visão de pureza que delinea o social, mas, antes, o que perturba a identidade, o sistema, a ordem (1982, p. 4). A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade. O "aidético", identidade do doente de aids na década de 1980, encarnava esse fantasma ameaçador contra o qual a coletividade expunha seu código moral. (MISKOLCI, 2012, p. 24).

Ao gritar “Robson”, esta pessoa está afetando o corpo de Natasha com uma não aceitação, uma recusa em compreender sua identidade de gênero. A travesti reage prontamente ao contato com a bola, para o que está fazendo, encara a pessoa que chutou e a ofende. Em seguida, faz questão de reforçar: “O meu nome não é Robson” (imagem 02). Ao fazer isso, Natasha está requerendo para si sua nomenclatura, sua verdadeira identidade.

**Imagem 02:** Cena de Natasha reagindo à violência sofrida



Fonte: Globoplay

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou limitar-se em sua análise apenas às cenas de apresentação da personagem Natasha na série “Segundas Chamadas”. A escolha pela personagem vem da percepção da importância de ter uma travesti dentro de uma série no horário nobre da televisão brasileira. Em 2021, o Brasil foi, pelo 13º ano consecutivo, o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo<sup>4</sup>. Contar com a presença da história de

<sup>4</sup>Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo.

Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-e-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em 12/07/2022.

uma personagem travesti na televisão poderia ser uma maneira de quebrar — ao menos, fragilizar — a tecnologia de gênero vigente (DE LAURETIS, 1994) proporcionando outras perspectivas. A apresentação de Natasha na série acontece em dois momentos, na interação com a amiga que pinta suas unhas, uma maneira de marcar para o cenário ao qual ela vive e também para quem assiste a série de que seu corpo é desobediente de gênero, seguido por uma violência, marcação de preconceito e não aceitação de sua presença ali.

Ao constituir a apresentação da personagem em afetos que marcam sua diferença no mundo, para além da rejeição e violência, a série mostra que, apesar de haver uma personagem travesti dentro de sua narrativa, o primeiro capítulo a ser contado será o da dor. Em certo ponto, essa discussão é positiva por tentar promover nos telespectadores a empatia necessária com a violência diária sofrida por estes corpos. Entretanto, por outro aspecto, limita as possibilidades das narrativas a serem apresentadas sobre essa comunidade. Ou seja, ao falar-se de travesti ainda precisa pontuar e marcar a violência primeiramente.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Marília dos Santos. **Te desafio a me amar: desejo, afeto e a coragem da verdade na experiência dos homens que assumem relacionamentos com as travestis e mulheres trans**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Florianópolis, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Editora Record, 2012 (capítulo 01 – P- 15 – 60).

DOS REIS; PINHO, N. & R. (2016). **Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação**. Reflexão e Ação, 24 (1), 7-25. <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v24i1.7045>.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Percepto, afeto e conceito. In: **O que é Filosofia?**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

KOLINSKI MACHADO MENDONÇA, F. V. Notas sobre o martírio feminino em GOT. **E-Compós**, v. 25, jan-dez, publicação contínua, 2022, p. 1–19.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco. 1994, p. 206-242.

LOPES, Denilson. Afetos Pictóricos. In: **Afetos, Relações e Encontros com Filmes brasileiros contemporâneos**. Hucitec Editora Ltda. 2016, São Paulo.

LOPES, Denilson. Afetos. Estudos Queer e Artifício na América Latina. In: **Afetos, Relações e Encontros com Filmes brasileiros contemporâneos**. Hucitec Editora Ltda. 2016, São Paulo.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2 ed. rev, 7 reimpressão, Belo Horizonte. Autêntica, 2021.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Egales, Barcelona, 2010 (El pensamiento heterosexual – P. 47 – 58).

## ANEXOS

### Anexo 01: Protocolo Análítico

Série: _____ Capítulo: ___ Personagem em foco: _____ Duração do Capítulo: ___ min. Série escrita por: _____ Série dirigida por: _____
Cena __: __min__seg – __min__seg
<b>Descrição da cena:</b> O que se observa, o que se constata, uma descrição detalhada da cena em tela.
<b>Enquadramento/movimento de câmera:</b> Menção aos planos/enquadramentos e aos seus sentidos.
<b>Reprodução de diálogo:</b> Reprodução de um diálogo considerado pertinente (questão norteadora).
<b>Paisagem Sonora:</b> Menção à trilha e aos sons ambientes que constituem a cena.
<b>Quadro/Frame:</b> Imagem considerada emblemática tendo em vista os afetos presentes.

**Anexo 2:** análise da cena 01 com a presença da Natasha em Segunda Chamada

**Série:** Segunda Chamada **Cap.:** 01 **Personagem em foco:** Natasha

**Duração do Capítulo:** 41 m 15s.

**Série escrita por:** Carla Faour, Jô Billac e Júlia Spadaccini.

**Série dirigida por:** Joana Jabace

**Cena 01:** 03 min 35 seg – 03 min 40seg

**Descrição da cena:**

Natasha (Linn da Quebrada) é uma pessoa de tom de pele negro, cabelos preto encaracolados, e está usando uma jaqueta bege, com uma gargantilha preta no pescoço. Por debaixo da jaqueta, uma camiseta branca. Ela está com uma mochila florida e repleta de cores. Está estendendo sua mão esquerda para uma pessoa que pinta suas unhas. Renata é a colega que está passando esmalte nas unhas de Natasha tem tom de pele branco, cabelos crespos alourados, está com uma camiseta roxa.

Natasha está olhando com atenção para as suas unhas, como se estivesse fiscalizando o trabalho da Renata, em seu rosto uma expressão suave de alegria, com um sorriso fraco, mas presente. Renata está olhando atentamente para a unha, com dedicação em não cometer falhas.

**Enquadramento/movimento de câmera:**

A cena transcorre em uma simulação de plano sequência, com um corte seco da professora que está adentrando a escola (Débora Bloch) para a cena em que aparece Natasha e a amiga. Elas aparecem em um plano americano, com corte em suas cinturas. A câmera faz um leve movimento da esquerda para a direita centralizando a dupla no quadro.

**Reprodução de diálogo:**

Natasha: “Não vai me borrar, por favor”

Renata: “Eu não vou borrar, Natasha!”

Natasha: “Deixa eu ver”



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

Aluno: “Aí, Robson”.

**Paisagem Sonora:** A música que toca ao fundo é “AmarElo” do Emicida com Majur e Pablo Vittar.

**Quadro/Frame:** O frame emblemático acontece aos 3’40”, quando Natasha olha para as unhas e diz: “deixa eu ver”. Elas são interrompidas por um grito que vem de fora do quadro “Aí, Robson!”.

Para a pesquisa é importante denotar dois momentos nesses pequenos momentos de presença de Natasha em cena:

1. a cumplicidade entre Natasha e Renata, que pinta suas unhas, um ato que mostra um respeito a feminilidade de Natasha, por representar um ritual estético mais marcado entre pessoas do gênero feminino. A confiança entre elas, pois Natasha fala em tom de brincadeira sobre borrar, e é rebatida sobre isso.
2. a interrupção de uma pessoa que não está presente em cena. O grito pelo “nome morto” da personagem é um primeiro momento de interrupção de cena, saindo de uma relação amistosa para um grito de violência, que vai gerar em Natasha uma postura mais rígida e reação enérgica.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

Anexo 3: Cena 02 de Natasha em “Segunda Chamada”

**Série:** Segunda Chamada **Cap.:** 01 **Personagem em foco:** Natasha

**Duração do Capítulo:** 41 m 15s.

**Série escrita por:** Carla Faour, Jô Billac e Júlia Spadaccini.

**Série dirigida por:** Joana Jabace

**Cena 02:** 03 min 41 seg – 03 min 45 seg

### **Descrição da cena:**

Um homem negro é filmado há distância, um colega está com o pé em uma bola, ajeitando-a para um chute certo. Eles estão na quadra, cercados por outras pessoas. A bola é chutada com força, ao grito de “Mata no peito”, ela vai em direção de Natasha e a acerta na parte inferior da barriga, no canto direito.

Ao receber a bolada, Natasha para de prestar atenção em Renata, que segue segurando o frasco de esmalte. Ela se vira para a pessoa que chutou a bola e com expressão de raiva grita: “Cê é idiota, cara? E o meu nome não é Robson”. Ela tira a mão direita das mãos da colega e encara o rapaz antes de sair de cena.

Renata não fala nesta cena, apenas demonstra expressões. No momento da bolada, ela fica com cara de espanto e surpresa. Na sequência, vira-se para o agressor que não está em cena, e o encara.

É importante dizer que o plano da câmera está focado apenas em Natasha e Renata, não é mostrado a pessoa que chutou a bola. Natasha está com a camiseta branca da “Escola Estadual Carolina Maria de Jesus” suja no local onde a bola bateu. Quando Renata se vira para a câmera com expressão de raiva, dando a entender que ela faz um sinal para o agressor — possivelmente o dedo do meio —, dá para perceber que ela está com uma camiseta preta por debaixo da blusa roxa.

### **Enquadramento/movimento de câmera:**

Há um corte na cena, a câmera filma de longe um homem negro que chuta uma bola, na



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

sequência há um movimento rápido que para em Natasha, que recebe a bola na sua barriga.

### Reprodução de diálogo:

Aluno: “Mata no peito”

Natasha: “Você é idiota, cara? E meu nome não é Robson!”

**Paisagem Sonora:** A música é interrompida no grito do “Ai, Robson”, há então uma sonoplastia que deixa o barulho do chute e da bola acertando Natasha mais intenso, como dois grande estouros. O resto é silêncio.

**Quadro/Frame:** Esse frame é importante por apresentar uma sequência de agressões, não apenas físicas, mas também verbais a personagem Natasha. E também para mostrar como ela reage perante essas violências.

- O grito pelo nome “Robson” é uma violência que vem para desqualificar a pessoa travesti com a sua identificação, retornando a uma nomenclatura passada que não corresponde à identidade de gênero da travesti;
- Na sequência há afetação física, a bola é um corpo que se choca ao corpo da Natasha, tirando-a de sua zona de prazer que era vivida com sua colega Renata há poucos instantes. Ao sentir a bola, há uma interrupção, inclusive na trilha sonora, de uma atmosfera pacífica, nos levando para um campo de força e violência;
- Quando Natasha encara o agressor — que novamente não aparece em cena — ela estufa o peito, dá mais força em sua voz, grita. Além disso, ela desconecta fisicamente da sua amiga Renata, tirando sua mão direita das mãos da colega. Ela se posiciona com firmeza, questionando se a pessoa que a agredia com a bola era “idiota”, para na sequência, em um tom de voz mais baixo, porém ainda firme dizer: “e meu nome não é Robson”.
- Natasha então sai de cena, sua expressão muda totalmente. Agora ela está com um semblante mais duro, rígido e fechado. Seus olhos estão mais sérios e ela é gravada em perfil, dirigindo-se para outro espaço da escola. A afetação causada pela violência, a faz retirar-se daquele espaço.